

RETORNAR AO PASSADO PARA PENSAR O PRESENTE: MICHEL FOUCAULT E A ANTIGUIDADE GRECO-ROMANA

RETURN TO THE PAST TO THINK ABOUT THE PRESENT: MICHEL FOUCAULT AND GREECO-ROMAN ANTIQUITY

Bianca Kelly de Souza¹

Resumo: Os últimos cursos ministrados por Michel Foucault no *Collège de France* intitulados *A hermenêutica do sujeito* (1982), *Governo de si e dos outros* (1983) e *A coragem da verdade* (1984), são balizados em uma ampla investigação histórico-filosófica – do século IV a. C ao século III d. C. – que marca o aprofundamento e a relevância do pensamento antigo para a filosofia foucaultiana. Por meio destes cursos o filósofo percorre momentos do pensamento socrático-platônico e helenístico-romano, analisando e comparando discursos e práticas filosóficas, médicas, políticas e pedagógicas, a fim de compreender as modalidades de relação do sujeito consigo mesmo e com a verdade, por meio das quais o indivíduo é conduzido a exercer sobre si uma forma de governo dotada de certa autonomia e singularidade. Foucault busca, no pensamento grego, novas formas de problematizar nosso presente e a relação do sujeito consigo mesmo, operando cortes transversais nas filosofias da antiguidade, possibilitando o confronto de experiências e estabelecendo marcos para se pensar a atualidade política, ética e filosófica. O filósofo utiliza-se de uma investigação acerca das experiências na antiguidade para rever, de modo crítico, as percepções de nossa época. Desse modo, o objetivo deste artigo é analisar e problematizar as condições e motivos do retorno foucaultiano a filosofia greco-romana.

Palavras-chave: Foucault; Atualidade; Antiguidade.

Abstract: The last courses taught by Michel Foucault at the Collège de France, entitled *The Hermeneutics of the Subject* (1982), *Government of the Self and Others* (1983) and *The Courage of Truth* (1984), are based on a broad historical-philosophical investigation - from the 4th century BC to the 3rd century AD - which marks the deepening and relevance of ancient thought for Foucault's philosophy. Through these courses, the philosopher goes through moments of Socratic-Platonic and Hellenistic-Roman thought, analyzing and comparing philosophical, medical, political and pedagogical discourses and practices, in order to understand the ways in which the subject relates to himself and to the truth, through which the individual is led to exercise over himself a form of government endowed with a certain autonomy and singularity. Foucault looks to Greek thought for new ways to problematize our present and the subject's relationship with himself, making cross-cutting cuts in the philosophies of antiquity, enabling the confrontation of experiences and establishing frameworks for thinking about current politics, ethics and philosophy. The philosopher uses an investigation into the experiences of antiquity to critically review the perceptions of our time. In this

¹ Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia – PPGFIL/UFU. Professora efetiva do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. E-mail: bianca.souza@unimontes.br

way, our aim in this article is to analyze and problematize the conditions and reasons for Foucault's return to Greco-Roman philosophy.

Keywords: Foucault; Present; Antique.

O retorno de Michel Foucault à Antiguidade greco-romana aparece em seus últimos estudos, entre os anos de 1980 e 1984², marcados pelo domínio da ética, ou seja, por suas análises acerca da constituição do sujeito ético a partir das práticas ou técnicas de si. Nesse último momento do pensamento foucaultiano, podemos observar com maior completude, os domínios e deslocamentos presentes em sua proposta filosófica de uma história dos sistemas de pensamento³, marcada pelos diferentes modos por meio dos quais, em nossa cultura, os indivíduos constituem-se como sujeitos.

O primeiro domínio dessa trajetória filosófica trata da formação dos saberes possíveis, substituindo a história do conhecimento pelas análises dos saberes e pelo modo como as práticas discursivas produzem saberes e se materializam, construindo uma realidade objetiva.

O segundo domínio trata das diversas manifestações do poder e da análise das relações múltiplas, das estratégias e técnicas racionais, que articulam os exercícios dos poderes e produzem matrizes normativas para o comportamento dos indivíduos. Tais normas de comportamento também se apresentam nos termos do poder que se exerce sobre a conduta dos outros, que fazem parte dos procedimentos de governo.

O terceiro e último domínio refere-se a uma investigação acerca das formas e modalidades de relação consigo mesmo, por meio das quais o indivíduo se constitui e se reconhece como sujeito. Trata-se do momento que levou Foucault a reorganizar seus estudos em torno da formação, durante a antiguidade, de uma hermenêutica de si, por meio da análise de diferentes práticas ascéticas que permitem ao indivíduo estabelecer uma relação consigo mesmo.

² Que compreende os seguintes textos: Os cursos ministrados no Collège de France: *Do Governo dos Vivos* (1979-80), *Subjetividade e Verdade* (1980-81), *A hermenêutica do sujeito* (1981-82), *O governo de si e dos outros* (1982-83), *A coragem de verdade* (1983-84). E os livros publicados em 1984, *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres* e *História da Sexualidade III: o cuidado de si*.

³ “O que procurei fazer foi uma história do pensamento. E por ‘pensamento’ queria dizer uma análise do que se poderia chamar de focos de experiência, nos quais se articulam uns sobre os outros: primeiro, as formas de um saber possível; segundo, as matrizes normativas de comportamentos para os indivíduos; e enfim os modos de existências virtuais para sujeitos possíveis” (FOUCAULT, 2010a, p. 04).

Sendo assim, na dimensão ética das análises foucaultianas, dá-se o deslocamento de uma investigação acerca do modo como nos constituímos enquanto sujeitos que exercem ou sofrem relações de poder, cuja presença prescritiva dos códigos, interdições, mecanismos disciplinares, normas de comportamento eram, até então, essenciais para a compreensão do indivíduo moderno. Para uma investigação acerca das formas de constituição do sujeito, segundo procedimentos de uma ética apoiada na reflexão sobre si, ou seja, no modo como o sujeito constitui a si mesmo enquanto sujeito moral de sua própria ação.

Devemos destacar que a emergência do domínio da ética no pensamento foucaultiano, de modo algum substituiu o longo trabalho histórico-crítico por ele desenvolvido acerca das relações entre formas de saber e exercício de poder, cujo resultado é o assujeitamento do indivíduo. Como afirma Gros (2004), Foucault não abandona o político para se dedicar à ética, esta não é concebida como o outro do político e do poder, “mas *complica* os estudos das governamentalidades com a exploração do cuidado de si”. (GROS, 2004, p. 620).

Foucault pensará acerca de uma ética do cuidado de si, comprometida com as resistências individuais aos processos de subjetivação promovidos pelo Estado Moderno, por meio da qual é possível vislumbrar novas e múltiplas formas de subjetividades, a partir da criação de outros modos de vida, menos atados aos processos de normalização. O que demonstra que há, em sua investigação filosófica, a busca de uma relação entre a ética antiga e a ação política no presente e que essa relação perpassa o conceito de governamentalidade.

Em outras palavras, se considerarmos a questão do poder, do poder político, situando-a na questão mais geral da governamentalidade — entendida a governamentalidade como um campo estratégico de relações de poder, no sentido mais amplo, e não meramente político, entendida pois como um campo estratégico de relações de poder no que elas têm de móvel, transformável, reversível —, (sic) então, a reflexão sobre a noção de governamentalidade, penso eu, não pode deixar de passar, teórica e praticamente, pelo âmbito de um sujeito que seria definido pela relação de si para consigo. [...] Isto significa muito simplesmente que no tipo de análise que desde algum tempo busco lhes propor, devemos considerar que relações de poder/governamentalidade/governo de si e dos outros/ relação de si para consigo compõem uma cadeia, uma trama e que e é em torno destas noções que se pode, a meu ver, articular a questão da política e a questão da ética. (FOUCAULT, 2004, pp. 306-307).

A partir do curso *Do governo dos vivos* (1979-1980) começa a se delinear a importância da noção de governo de si para a problematização da ética no pensamento foucaultiano. A questão norteadora desse curso é a seguinte: “Como se formou um tipo de

governo dos homens em que não é mais exigido simplesmente obedecer, mas manifestar, [...] aquilo que se é?” (FOUCAULT, 1997, p. 101).

Tal questão marcou a introdução, nas investigações de Foucault, do problema do governo pela verdade, na medida em que ele observa que, no Ocidente cristão, o governo dos homens, enquanto direção das condutas, exigia dos governados não somente submissão e obediência, mas a obrigação de dizer a verdade sobre si mesmos, seus atos e desejos. Em função de tal problemática, o filósofo desenvolve, ao longo do referido curso, uma análise histórica acerca das práticas de penitências e da codificação do exame de consciência no cristianismo primitivo.

Nesse contexto do governo dos homens pela verdade, Foucault observa que o exercício do poder não é independente da subjetividade, visto que está ligado a uma manifestação da verdade que toma a forma da subjetividade. Isso o possibilita vislumbrar uma relação entre as técnicas de dominação e as técnicas de si, na medida em que a racionalidade do governado é incitada, conduzida para e pela produção de obediência e que não há produção de obediência possível sem as tecnologias de si.

É importante observamos que essas análises acerca da produção de obediência no cristianismo primitivo exercem um significado na atualidade, isso porque “só foi possível ao liberalismo e ao neoliberalismo indexar o exercício do poder na racionalidade dos governados porque existe há séculos, da parte destes sobre os quais se exerce o poder, práticas de relação consigo produtoras de obediência” (AVELINO, 2010, p. 22).

Foucault propõe mostrar que as relações entre governo e verdade não emergem com base na existência do Estado ou da Sociedade, quando estes aparecem como objetos possíveis para uma racionalidade governamental. Isso porque, para o filósofo, a relação entre a manifestação da verdade e o exercício de poder é mais antiga e mais profunda, pois, para dirigir os homens, é imprescindível produzir intervenções da ordem da verdade, mas tais intervenções não devem se limitar ao que é útil ou necessário para se governar de modo eficaz. É para além da finalidade de eficácia do governo que a manifestação da verdade é ligada à atividade de governar e exercer poder.

No resumo do curso intitulado *Subjetividade e verdade* (1980-1981), Foucault anuncia uma investigação acerca do modo como, a experiência que o sujeito faz de si mesmo e o saber que se cria sobre ele, foi organizado, valorizado e até mesmo imposto. Nessa pesquisa, entra em jogo o tipo de experiência que o sujeito pode fazer de si mesmo, o tipo de trabalho que ele

opera sobre si e a questão de como se governar exercendo ações onde se é o próprio objetivo, o instrumento e o sujeito dessas ações.

Para o filósofo, tal pesquisa só teria efetividade se tivesse como fio condutor procedimentos que ele reconhece como presentes em toda civilização, designados como “técnicas de si”, que seriam prescritas aos indivíduos com a intenção de manter ou transformar sua identidade em função de determinados fins, por meio da relação de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si.

Portanto, trata-se de uma investigação sobre o trabalho que se deve operar sobre si, ou como se governar. Segundo Foucault (1997, p. 110) um projeto como este, se encontra no cruzamento de dois temas que ele já havia explorado anteriormente – a história da subjetividade e as formas de governamentalidade, que poderiam ser retomadas agora, a partir de outra perspectiva.

Uma história da subjetividade elaborada, pelo prisma, de uma análise acerca do surgimento e desenvolvimento de uma tecnologia de si, ou seja, por meio do empreendimento e das transformações, na nossa cultura, das relações consigo mesmo, com seu arcabouço técnico e com seus efeitos de saber e poder. O que também possibilitaria pensar a governamentalidade a partir do ponto de vista de um governo de si por si, na sua articulação com a relação com os outros, presente nas práticas de si antigas, como por exemplo, na pedagogia, nos conselhos de conduta, nas prescrições de modos de vida, nas trocas de correspondências e etc. Como afirma Judith Revel:

[...] o tema do cuidado de si aparece no vocabulário de Foucault no prolongamento da ideia de governamentalidade. À análise do governo dos outros segue, com efeito, aquela do governo de si, isto é, a maneira pela qual os sujeitos se relacionam consigo mesmos e torna possível a relação com o outro (REVEL, 2005, p. 33).

Nesse sentido, é possível notar que o conceito de governamentalidade amplia sua relevância e seu domínio, quando Foucault se propõe a realizar um estudo sobre a noção de governo, a partir das práticas de si. Isso porque ele percebe, no decorrer de suas análises acerca da racionalidade política governamental, que é preciso um conjunto de tecnologias de si, o estabelecimento de uma relação do sujeito consigo mesmo, para se realizar a governamentalização dos indivíduos. Tal percepção desperta seu interesse pelos pontos de interação entre as tecnologias de si e as tecnologias de poder e dominação, na medida em que estas últimas recorrem a um conjunto de técnicas que conduzem os indivíduos a agir sobre si

mesmos. Aparece, então, essa nova forma de compreender a governamentalidade: “Eu chamo de ‘governamentalidade’ o encontro entre as técnicas de dominação exercida sobre os outros e as técnicas de si” (FOUCAULT, 2014a, p. 266), ou seja, a maneira como os indivíduos são dirigidos pelos outros e a maneira como eles conduzem a si mesmos.

Os cursos ministrados por Foucault no *Collège de France*, bem como, os artigos, conferências e entrevistas, constituem o domínio onde ele realiza experimentações conceituais e delinea temas e problemas de pesquisa, sendo assim, servem de laboratório para a elaboração de seus livros. Desse modo, é possível compreender que os primeiros cursos ministrados pelo filósofo, a partir da década de 1980, *Do governo dos vivos* e *Subjetividade e verdade* fizeram parte das pesquisas que fundamentariam a continuidade do seu projeto de uma história da sexualidade⁴.

A história da sexualidade marca o momento em que as investigações de Foucault estão voltadas para a problematização acerca da sexualidade, a partir da descoberta de um campo de historicidade complexo e rico, onde certos saberes, normas e formas de subjetividade, conduzem o indivíduo a se reconhecer como sujeito moral de uma conduta sexual.

Nesse contexto, o filósofo percebe ser inevitável colocar a seguinte questão: Por que o comportamento sexual, as atividades e os prazeres a ele relacionados são objetos de uma preocupação moral? De que maneira, por que e sob que forma a atividade sexual foi constituída como campo moral? Por que esse cuidado ético tão insistente? Tais questões marcarão o recuo das análises foucaultianas, da época moderna, passando pelo cristianismo, chegando até a antiguidade greco-romana.

É possível notar o deslocamento, ou seja, uma mudança do quadro histórico-cultural, bem como, nas chaves de leitura com as quais o filósofo trabalha. Assim, a noção de governo, adotada para investigar as técnicas de dominação e submissão das subjetividades, agora será abordada no campo da sexualidade, a partir das técnicas de si.

⁴ Foucault escreveu, reescreveu, repensou, abreviou, encompridou, durante dez anos, sua obra intitulada *História da Sexualidade*. Inaugura, em 1976, com o primeiro volume de *A vontade de Saber* que serviria, na época, como uma espécie de prelúdio para um conjunto de cinco livros que não foram concretizados: *A carne e o Corpo*; *A cruzada das crianças*; *A mulher, a mãe e a histórica*; *Os perversos*; *Populações e raças*. A *História da Sexualidade* foi realmente completada em 1984, último ano de vida de Foucault, com a publicação do segundo e terceiro volume, *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*, livros que marcaram o eixo de deslocamento da história da sexualidade moderna para bases mais antigas da sexualidade ocidental, recuando as investigações acerca da sexualidade da modernidade para a antiguidade grega. Apesar do desejo manifestado pelo filósofo de que não houvesse nenhuma publicação póstuma, em fevereiro de 2018 foi publicado na França o quarto e último volume de *As confissões da carne*.

Em princípio, os questionamentos de Foucault acerca do nascimento de um discurso sobre a sexualidade, no que se refere à problematização moral da conduta sexual, são dirigidos ao cristianismo, a partir das análises das práticas de penitências e do exame de consciência. Porém, o longo convívio com a moral cristã fez o filósofo perceber uma dificuldade em refletir sobre os primeiros tempos do cristianismo sem se perguntar sobre o que os precedera. Sem tentar desvendar de onde provêm as formas de relação consigo que as doutrinas da carne reelaboraram e articularam no sentido de criar uma teoria da falta e do pecado.

Podemos observar, a partir de então, a aventura foucaultiana de retorno aos gregos, buscando, na filosofia antiga, o tema das técnicas de si e do uso dos prazeres, no sentido de compreender como as morais do paganismo constituíram seus modos de subjetivação, a partir da relação do sujeito consigo mesmo e com a verdade, às vésperas do cristianismo.

Desse modo, a questão do comportamento sexual como objeto de reflexão no campo da experiência moral, passa a ser dirigida à cultura grega. Nessas investigações, o filósofo começa a perceber que, tal questão estava vinculada a um conjunto de práticas refletidas e voluntárias, por meio das quais os homens não só fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu singular, a fim de dar a sua existência a forma mais bela possível, a partir da relação consigo.

É relevante observar que, quando essa História da sexualidade chega à antiguidade grega, o tema das práticas de si e da relação do sujeito consigo mesmo e com a verdade, sobrepor-se-á e ganhará mais espaço nas investigações de Foucault do que a própria problematização moral acerca da sexualidade, que passa a ser considerada apenas um capítulo na história das práticas de si.

Desse modo, noções como: cuidado de si, governo de si, técnica de si, técnica de existência, domínio de si sobre si, passam a ter maior especificidade na pesquisa do filósofo francês. Isso se dá a partir de domínios diferentes ao da sexualidade, como a questão da escrita de si, da prática regrada de leitura, dos exercícios corporais e espirituais; da relação com o político, da direção de existência, da experiência médica de si. “Foucault abandona o tema da sexualidade como referência básica privilegiada e se interessa mais pelos processos de subjetivação” (GROS, 2004, p. 632).

Na introdução do livro *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*, no qual podemos localizar, de forma metodológica e retrospectiva, alguns esclarecimentos sobre as

modificações e os deslocamentos que Foucault realizou em sua trajetória filosófica, a partir da década de 1980. Encontramos o reconhecimento, por parte do filósofo, do desejo de reunir elementos que pudessem servir para uma história crítica da verdade. O filósofo destaca que sempre buscou saber como o sujeito entrava nos jogos de verdade⁵, tivessem estes a forma de uma ciência, ou fossem como os encontrados nas instituições ou nas práticas de controle. Desse modo, afirma que, após haver estudado os jogos de verdade na ordem do saber (a partir de certo número de ciências empíricas nos séculos XVII e XVIII) e, posteriormente, os jogos de verdade em referência às relações de poder, propõe-se, agora, a estudar os jogos de verdade na relação de si para consigo e a constituição de si mesmo como sujeito ético, a partir de uma necessidade de se autotransformar.

Tal empreitada levou Foucault a reorganizar suas investigações em torno da cultura de si presente na Antiguidade greco-romana, tema ao qual dedicou às aulas ministradas em 1982 do curso intitulado *A hermenêutica do sujeito*. Esse curso, seguido do curso *Governo de si e dos outros* (1983) e *A coragem da verdade* (1984) compõem a tríade dos últimos cursos ministrados pelo filósofo, no *Collège de France*. São cursos balizados em uma ampla investigação histórico-filosófica – do século IV a. C ao século III d. C. – que marcam o aprofundamento e a relevância do pensamento antigo para a filosofia foucaultiana. Por meio destes cursos Foucault percorre o pensamento socrático-platônico e helenístico-romano, analisando e comparando práticas e discursos filosóficos, médicos, pedagógicos, dentre outros, a fim de compreender as modalidades de relação consigo, por meio das quais o indivíduo é conduzido a exercer sobre si uma forma de governo dotada de certa autonomia e singularidade.

A investigação acerca das práticas de si na antiguidade possibilitará a compreensão da ética como domínio primordial de relação do sujeito consigo mesmo. Como afirma Foucault, é “[...] o tipo de relação que se deve ter consigo mesmo, *rapport à soi*, que eu chamo de ética e que determina a maneira pela qual o indivíduo deve se constituir como o sujeito moral de suas próprias ações” (FOUCAULT, 2010c, p. 307). Tal concepção de ética subtende-se um

⁵ Os “jogos de verdade” permitem relacionar o sujeito com a verdade, pois, no centro deles, aparece a questão de quem diz a verdade, como se diz e por que se diz. Segundo Revel (2005), Foucault chama de “jogos de verdade” não a descoberta do que é verdadeiro, mas o conjunto de regras segundo as quais aquilo que um sujeito diz a respeito de um certo objeto decorre da questão do verdadeiro e do falso. Conjunto de regras segundo as quais se separa o verdadeiro do falso e se atam aos verdadeiros efeitos específicos de poder. O filósofo, às vezes, utiliza igualmente o termo “veridicção” para designar a emergência de formas que permitem aos discursos, qualificados de verdadeiros em função de determinados critérios, articularem-se com um certo domínio de coisas. Por meio dos jogos de verdade, o sujeito se constituiu historicamente.

tipo de sujeito transformável, que se relaciona consigo mesmo por meio de um conjunto de práticas de si, em função das quais o sujeito se elabora e se constitui.

Apesar de Foucault afirma não está buscando no pensamento antigo, nas práticas de si, um novo fundamento para a ética na contemporaneidade, quanto menos, pretende fazer da ética greco-romana um modelo a ser seguido. O filósofo encontra no pensamento grego, novas formas de problematizar a realidade e nós mesmos, operando cortes transversais nas filosofias da antiguidade – principalmente helenística e romana – estabelecendo marcos para se pensar a atualidade política, moral e filosófica.

Ao retornar ao pensamento grego, ele traz para nossa atualidade a problematização da relação do sujeito consigo mesmo e da condução que os sujeitos estão dando para a própria vida. Esse retorno possibilitou ao filósofo mostrar diferentes formas de constituição da subjetividade, a partir da história da ética, permitindo um confronto de experiências com os processos de constituição da subjetividade no presente.

Sobre esse retorno de Foucault aos gregos, Deleuze (2005, p.106) vai dizer que “talvez fosse mesmo preciso voltar aos gregos”, a fim de encontrar condições menos passionais para problematizar acontecimentos atuais. Era o momento em que o pensamento foucaultiano exigia uma nova dimensão, distinta das relações de poder e das formas estratificadas de saber, mas que possibilitasse lidar com eles de outra maneira. O filósofo buscava uma dimensão da subjetividade que deriva do saber e do poder, mas que, apesar disso, autonomiza-se em relação a estes e descobre a relação consigo na antiguidade como irreduzível às relações de poder e de saber. Essa relação consigo mesmo compõe a esfera ética do sujeito, fundamentada em uma dobra da força⁶, que se relaciona a uma força de si, geradora de uma nova forma de subjetividade.

Eis o que fizeram os gregos: dobraram a força, sem que ela deixasse de ser força. Eles a relacionaram consigo mesma. Longe de ignorarem a interioridade, a

⁶ Para melhor compreensão dessa análise, torna-se relevante destacar o modo como Deleuze (2005) apresenta a concepção de sujeito em Foucault, que se delinea em clara oposição à tradição cartesiana, ao sustentar que o sujeito não é uma substância, mas forma, uma forma que não é, sobretudo, idêntica a si mesma. Nesse sentido, o problema do sujeito é o problema da história de um sujeito-forma e não um sujeito substância. Entendendo por forma um composto de relações de forças, em que, dadas as forças, deve se perguntar, primeiramente, com que forças de fora elas entram em relação, numa ou noutra formação histórica e, em seguida, perguntar-se qual a forma resultante desse composto de forças. Além disso, segundo Deleuze (1992), o sujeito representa, para Foucault, uma derivação do resultado do processo de subjetivação. Para ele, a “subjetivação tem pouco a ver com sujeito. Trata-se antes de um campo elétrico ou magnético, uma individuação operando por intensidades (tanto baixas como altas), campos individuados e não pessoas ou identidades. É o que Foucault em outras ocasiões chama de paixão” (DELEUZE, 1992, p. 116-117).

individualidade, a subjetividade, eles inventaram o sujeito, mas como uma deriva, como um produto de uma “subjetivação”. Descobriram a estética da existência”, isto é, o forro, a relação consigo, a regra facultativa do homem livre (DELEUZE, 2005, p. 108).

Desse modo, na Antiguidade, Foucault encontra a possibilidade de pensar o sujeito como forma, ou seja, composto de forças, suscetível de ser atualizado constantemente. Esse sujeito-forma substituiu sua identidade pela atitude experimental do sujeito consigo mesmo, o que conduzirá o filósofo a centrar boa parte de sua investigação em torno das práticas de si antigas.

Alguns elementos da ética dos gregos impressionaram o filósofo francês, como o fato de que os indivíduos se preocupavam mais com sua conduta, sua ética e suas ligações com eles mesmos e como os outros, do que com os problemas religiosos. Tratava-se de uma ética que não se pautava em sistemas sociais, legais e institucionais, ou seja, sem qualquer relação como estruturas jurídicas, autoritárias ou disciplinares. Além disso, era uma ética que estava centrada no problema da escolha sobre a existência feita pelo indivíduo, do estilo de vida, e na ideia de fazer de sua vida o elemento constitutivo de uma peça estética.

O retorno à ética dos gregos não consistiu exatamente uma solução ou alternativa frente à saturação do poder governamental, mas pode fornecer uma nova perspectiva acerca de nossos problemas atuais e da necessidade de se pensar uma ética diferente. “Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento?” (FOUCAULT, 2003, p. 14) com a intenção de saber em que medida é possível pensar diferentemente.

O filósofo utiliza-se de uma investigação das experiências da antiguidade para rever, de modo crítico, as percepções de nossa época. Como o próprio Foucault afirma em uma entrevista concedida a Dreyfus e Rabinow:

A minha ideia é que não é absolutamente necessário relacionar os problemas éticos ao saber científico. Dentre as invenções culturais da humanidade, há um tesouro de dispositivos, técnicas, ideias, procedimentos etc., que não pode ser exatamente reativado, mas que, pelo menos, constitui, ou ajuda a constituir, um certo ponto de vista que pode ser bastante útil como uma ferramenta para análise do que ocorre hoje em dia – e para mudá-lo. (FOUCAULT, 2010c, p. 305)

Foucault reconhece a importância de fazer aparecer as proximidades e as diferenças entre a moral na Antiguidade grega e a moral contemporânea, a fim de compreender de que

maneira um mesmo conselho dado pela moral antiga pode funcionar de modo diverso em um estilo de moral contemporânea.

Esse retorno à antiguidade alimentará as reflexões foucaultianas e deverá alimentar as nossas reflexões acerca da atualidade e da possibilidade de nos constituirmos como sujeitos éticos, a partir de um embate inacabado conosco e com os outros, no sentido de empreender ações livres das formas de normalização presentes na sociedade. Segundo César Candiotto:

O cuidado de si, em seu sentido político, pode paradoxalmente ser entendido como o descuido de uma vida pensada somente nos limites da lógica biopolítica. Ele se afasta de qualquer apelo individualista ou identitário; antes, esse cuidado impõe o desprendimento contínuo de nosso eu normalmente administrado [...] cuidar de si é desprender-se do conhecimento de nós mesmos atrelado às identidades que a sociedade do empreendedorismo leva-nos a aceitar e torná-las quase algo natural. (CANDIOTTO, 2016, p. 38).

Desse modo, por meio de um retorno à antiguidade greco-romana, Foucault percorre o passado para pensar o presente, lançando para o indivíduo na contemporaneidade, a necessidade de se refletir acerca da ideia de uma ética, enquanto uma estrutura forte da existência, desatada da relação com o sistema autoritário ou disciplinar, que possibilite a constituição a constituição do sujeito, de formas diversas, diferente daquelas que fazem dele um objeto e um sujeito pelo poder da norma.

Referências

AVELINO, Nildo. *Apresentação – Foucault e a anarqueologia dos saberes*. In: FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos: Curso no Collège de France, 1979-1980: excertos Michel Foucault; tradução, transcrição e notas Nildo Avelino*. São Paulo: Centro de Cultura Social; Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

CANDIOTTO, César. *Sujeito, agonística e seus desdobramentos políticos no pensamento de Michel Foucault*. In: NALLI, Marcos (org.) *Michel Foucault: desdobramentos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Trad. Claudia Sant' Anna Martins; revisão da tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. 10ª ed. trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal Edições, 2003.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Edição e direção François Ewald e Alessandro Fontana; Trad. Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. 8ª ed. trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal Edições, 2005.

FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)*. Edição Frédéric Gros. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos: curso no Collège de France, 1979-1980: excertos Michel Foucault*; tradução, transcrição e notas Nildo Avelino. São Paulo: Centro de Cultura Social; Rio de Janeiro: Achiamé, 2010b.

FOUCAULT, Michel. *Sobre a genealogia da ética: um panorama do trabalho em curso*. (Apêndice da Segunda Edição 1983). In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. 2ª ed., rev., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010c.

FOUCAULT, Michel. *A coragem de verdade: governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984)*. Edição Frédéric Gros. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Genealogia da ética, Subjetividade e Sexualidade*. Ditos e Escritos IX. org. e seleção de textos Manoel Barros da Motta; Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a.

FOUCAULT, Michel. *Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade*. Ditos e Escritos X. org. e seleção de textos Manoel Barros da Motta; Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b.

FOUCAULT, Michel. *Subjetividade e verdade: curso no Collège de France (1980-1981)*. Edição Frédéric Gros sob direção de François Ewald e Alessandro Fontana; Tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

GRÓS, Frédéric. *Situação do curso – Hermenêutica do sujeito*. In: FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Edição e direção François Ewald e Alessandro Fontana; Trad. Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

RETORNAR AO PASSADO PARA PENSAR O PRESENTE: MICHEL FOUCAULT E A ANTIGUIDADE GRECO-
ROMANA

BIANCA KELLY DE SOUZA

Data de submissão: 13/05/2024

Data de aprovação: 20/07/2024